

## Laurent Bove e a imaginação

Guilherme Sam-Sin de Souza\*

**Resumo:** Esta resenha pretende investigar como se apresenta a questão da imaginação na leitura espinosista de Laurent Bove, tendo como base, exclusivamente, seu primeiro livro publicado no Brasil em 2010: *Espinosa e a psicologia social: Ensaio de ontologia política e antropogênese*<sup>1</sup> a fim de tecer breves apontamentos sobre os papéis que a imaginação ocupa nas teorizações do filósofo francês.

### Introdução

Laurent Bove é *Professeur des Universités*, professor de filosofia na Universidade de Amiens e pesquisador do UMR 54037 do CNRS (École Normale Supérieure - Letters et Sciences Humaines de Lyon). Seus trabalhos versam sobre espinosismo, os moralistas franceses, a ética e a política na Idade Clássica. Suas principais publicações são: *La Stratégie du conatus. Affirmation et résistance chez Spinoza*; *Traité Politique*; *Albert camus, de l'absurde à l'amour*<sup>2</sup>.

Neste trabalho, nos ocuparemos estritamente como a imaginação se apresenta em seu livro “Espinosa e a psicologia Social: Ensaio de ontologia política e antropogênese”, mais especificamente a partir do capítulo 1 – que consiste na transcrição de sua conferência proferida em 2008 no Instituto Sedes Sapientiae, intitulada “Sobre o princípio do conhecimento dos afetos em Espinosa: causalidade e esforço sem objeto na Ética III” – e também do texto do capítulo 5: “Linguagem e poder em Espinosa: a questão da interpretação”<sup>3</sup>.

Veremos como a imaginação assume papéis diferentes de acordo com as estratégias que se voltam para o real no âmbito do desejo. E os efeitos que a imaginação produz sobre o real, dependem da lógica sob a qual esta opera nas relações desejan-

---

\* Mestrando no programa de pós-graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista Capes. Contato: [gsamsin@gmail.com](mailto:gsamsin@gmail.com).

<sup>1</sup> BOVE, Laurent. *Espinosa e a psicologia Social: Ensaio de ontologia política e antropogênese*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

<sup>2</sup> Trecho da introdução de David Calderoni. In. *Ibidem*. p.13.

<sup>3</sup> Por questões de organização das referências no corpo do texto, utilizaremos a sigla *CLB* (Conferência de Laurent Bove) para o capítulo 1 e *LPE* (Linguagem e poder em Espinosa) para o capítulo 5.

afetivas entre as pessoas e as coisas. Identifiquemos nas próximas linhas como Bove apresenta e depura essa questão.

### **Laurent Bove e a imaginação**

Para compreendermos o lugar da imaginação no processo de inteligibilidade do real – e os diferentes níveis de potência ou de força que a compõe – é preciso estabelecer sua articulação sob o “ponto de vista do desejo”<sup>4</sup>. O desejo compreendido enquanto potência de agir em um plano de imanência. A variabilidade da potência depende da maneira em que se dão os encontros entre os seres. Experimentamos a sensação definida como alegria, quando há um aumento de potência, e a tristeza, seria o efeito de encontros que diminuem nossa potência de agir.

O amor e o ódio são respectivamente esses afetos de alegria e/ou tristeza acompanhados de “uma ideia da causa que os provoca”<sup>5</sup>. Estes podem ser deduzidos a partir das leis que compõem a lógica dos afetos em Espinosa. A partir da lógica da identificação estabelecida em nível de relação objetal - quando a consciência opera o desejo de maneira teleológica - por associação e transferência de afetos às pessoas ou coisas; na constituição de um hábito estabelecido pela memória sob a lógica da temporalização.

Mas há também uma dimensão arcaica da identificação – já que os afetos de alegria e tristeza são essencialmente inconscientes - que é pura potência de agir e, ao mesmo tempo, constituinte do desejo sem objeto numa espécie de “vínculo osmótico” no qual o “indivíduo imita o afeto”<sup>6</sup>. Estas relações desejante-afetivas ficam mais nítidas a partir da depuração que Bove realiza sobre a questão da linguagem a partir de Espinosa.

Com Bove<sup>7</sup>, pode-se dizer que há uma costura dinâmica entre linguagem, hábito, memória e reconhecimento para constituição de um mundo comum. A reconhecimento é entendida pela disposição de um afeto primário (alegria ou tristeza) ligado à ideia de uma causa exterior. Nesse sentido, o amor (alegria) e ódio (tristeza) são efeitos de uma relação

---

<sup>4</sup> CLB, p.26.

<sup>5</sup> CLB, p.27.

<sup>6</sup> CLB, p.28.

<sup>7</sup> LPE, p.77-78.

recognitiva que espontaneamente e ilusoriamente identifica o objeto enquanto objeto-do-desejo do amor e/ou do ódio<sup>8</sup>.

Essa relação de reconhecimento se dá em dois níveis pertencentes à lei de identificação da lógica dos afetos. Há o nível da relação causal (estratégia do *conatus*) e da relação objetual teleológica (estratégia hermenêutica). A imaginação irá operar de maneiras diferentes nessas duas instâncias.

O primeiro ocorre no nível não teleológico, adquirido por uma atividade recognitiva determinada exclusivamente por uma causalidade eficiente do *conatus*. Esta atividade está intrinsecamente ligada à memória, que de acordo com a proposição 18 da *Ética II* é “uma certa concatenação de ideias, que envolvem a natureza das coisas exteriores ao corpo humano e que se faz segunda a ordem e a concatenação das afecções desse corpo”<sup>9</sup>. Aqui o hábito é o elemento de conexão ordenante de uma repetição mecânica orientada pela ideia do corpo, que também é afeto. Aqui, Bove cita a proposição 28 da *Ética II* para dar sustentação ao seu argumento: “Tudo aquilo que nós imaginamos levar à alegria, nos esforçamos por fazer com que se realize; tudo aquilo que nós imaginamos como sendo contrário a isso ou que leve à tristeza, nós nos esforçamos por afastá-lo ou destruí-lo”<sup>10</sup>.

O *conatus* é um esforço de produzir efeitos, e esses efeitos já estão contidos no próprio princípio do *conatus*. A relação semiótica (em sua tríade interpretante-signo-objeto) que é produzida por esse esforço é um efeito, um produto desta relação causal, anterior e independente da relação objetual que contribui para construir. “O *conatus* é, antes, força produtiva, afirmação matemática e poderosa da existência em e por seus efeitos. Logo, sua estratégia não é interpretativa, mas estritamente eficiente: é antes um esforço sem objeto e sem fim”<sup>11</sup>. Pois aqui parte-se de um desejo que é “essencialmente inconsciente”<sup>12</sup>

Já a relação objetual se dá quando a consciência opera uma identificação imediata da causa do afeto sentido um objeto exterior. “Essa causa exterior é necessariamente

---

<sup>8</sup> LPE, p.71.

<sup>9</sup> LPE, p.78

<sup>10</sup> LPE, p.78-79.

<sup>11</sup> LPE, p.79.

<sup>12</sup> CLB, p.32.

imaginativa”<sup>13</sup>, já que a causa verdadeira se encontra no inconsciente. Dessa forma a causa está submetida a uma interpretação dos efeitos de amor e/ou ódio – que no vocabulário de Espinosa são “essencialmente imaginários”<sup>14</sup> – enquanto força representativa. A consciência pautada na experiência de amor (ou ódio) oferece ao objeto uma interpretação finalista e imaginária. A coisa imaginada por consequência passa a determinar ações e estratégias em vista de um fim, ou seja, um “desejo de”<sup>15</sup>, que sob a violência da representação amorosa (ou odiosa), “vai ser submetido a um desejo-de-objeto”<sup>16</sup>. Na esfera da representação estabelecida na relação objetual operada pela consciência, Bove nos apresenta a imaginação como uma forma inadequada de interpretação do objeto, pois gera estratégias baseadas em efeitos inventivos.

O papel eminentemente negativo da imaginação desaparece, quando esta se localiza na estratégia do *conatus* aliada à concepção espinosista da linguagem. Esta explicada a partir dos “estados e/ou das afecções dos corpos e dos afetos da mente que lhe são correlatos”<sup>17</sup>. Dessa forma, a imaginação assume um papel crucial na constituição da linguagem, quando esta está ligada à ideia do corpo. A partir do escólio I da ética II, 40, Bove afirma que “a linguagem se explica pelo corpo e não pelo entendimento; mas por outro lado, é no interior da esfera imaginativa da reconhecimento que a linguagem se inscreve em memória”<sup>18</sup>. Está relação compõe o hábito que estabelecerá as práticas comuns que formam a multidão, esta última vista como uma complexa rede imanente de relações afetivas, que podem ser indefinidamente constituída ou desfeita.

Desse modo, a linguagem origina-se no *vulgus* inserida no corpo da multidão. Nesse âmbito a linguagem se apresenta em seu valor prático, um saber de uso, que não contém em si um valor de verdade. A significação depende exatamente desse uso, das práticas efetivas que as forjam. As palavras se apresentam em uma “relação desejante/afetiva com os corpos exteriores úteis, prejudiciais ou indiferentes”<sup>19</sup>. O efeito dessas relações é o que constitui a vida “comum” na medida em que as significações possuem origem em um empreendimento coletivo e a capacidade dos indivíduos de afetarem e

---

<sup>13</sup> *CLB*, p.35.

<sup>14</sup> *CLB*, p.27.

<sup>15</sup> *CLB*, p.35.

<sup>16</sup> *LPE*, p.79.

<sup>17</sup> *LPE*, p.80.

<sup>18</sup> *LPE*, p.81.

<sup>19</sup> *LPE*, p.81.

serem afetados. Nesse sentido, As significações estão mais intimamente ligadas aos “agenciamentos *afetivos efetivos e coletivos*”<sup>20</sup>.

“A linguagem é antes de tudo um povo que fala”<sup>21</sup>. O sentido de uma enunciação está intrinsecamente ligado à experiência particular e compartilhada, em um dado contexto, que é potência desejante de um corpo (ao mesmo tempo individual e comum) de perseverar e produzir efeitos. As significações oriundas da linguagem se reforçam e complexificam a partir da perseverança. Compondo estratégias que, com efeito, resultam em significações nas quais podem ser representadas enquanto “ideia verdadeira”. Entendendo a palavra “verdadeiro” como expressão da “natureza” da ideia, ou seja, como a ideia mostra uma coisa tal como “é em si mesma”<sup>22</sup>. Nesse sentido Bove entende que pela estratégia do *conatus*, há uma aproximação pragmática da significação, pois as palavras “verdadeiro” (ou “falso”) adquirem um valor prático aplicado às coisas, diferentemente do uso especulativo que tem por finalidade um efeito oratório na estratégia hermenêutica.

Bove afirma que “falar é agir, mas é também uma maneira de imaginar que é, em um último gesto, potência efetiva de fazer imaginar e fazer agir”<sup>23</sup>. Portanto, pode-se entender que a imaginação associada à linguagem na e pela estratégia do *conatus* é produtora e organizadora de potências práticas e efetivas, que tomam formas no hábito e no encontro de *conatus* singulares que compõe uma multidão, produzindo conhecimentos de natureza causal estritamente eficientes, cuja verdade é abertura para novas composições singulares e coletivas de auto-organização da vida.

### Considerações Finais

Pode-se dizer que a imaginação a partir de Espinosa, no pensamento de Bove, pode assumir uma dimensão ilusória quando aliada a estratégia hermenêutica, ou seja, enquanto esforço interpretante e teleológico de produção de estratégias a partir de ideias falsas oriundas de uma linguagem imaginativa, em síntese, quando a consciência opera

---

<sup>20</sup> LPE, p.82.

<sup>21</sup> LPE, p.82.

<sup>22</sup> LPE, p.82.

<sup>23</sup> LPE, p.83.

distante do valor de verdade do mundo prático. Se caracterizando então, como uma oratória que impossibilita as relações com as coisas como de fato elas são.

Contudo, em Bove, também podemos identificar uma dimensão caracteristicamente positiva da imaginação quando associada à estratégia do *conatus* enquanto puro meio; desejo sem objeto, nos quais os efeitos já estão implicados às causas. Assim, o valor prático insere-se aquém da relação semiótica e seus efeitos como valor de uso, assumem um caráter pragmático de mostrar a natureza das coisas postas nos agenciamentos que compõem o singular e o compartilhado.

Portanto, a imaginação é essencial para complexificação dos encontros de *conatus* singulares, como recondutora constante de seus agenciamentos afetivos, efetivos e coletivos que formam a potência da multidão. A imaginação torna-se potência de abertura para novos caminhos pelos quais a linguagem pode percorrer no e pelo *conatus* formador do hábito e da memória. Bove não deixa exatamente explícito nos textos trabalhados aqui, mas pode-se deduzir que a imaginação – associada à estratégia do *conatus* – está intrinsecamente ligada à ideia do corpo, enquanto a imaginação – associada à estratégia hermenêutica na relação objetual – é produtora de ideias falsas ou inadequadas.

*Recebido em 22/11/2019*

*Aprovado em 08/05/2020*